

PERCEPÇÃO DA IMAGEM E IDENTIDADE DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UPE-CAMPUS MATA NORTE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE PERCEPÇÕES DE SI.

Amanda Maria da Silva (1); Jaqueline Silva de Arruda (2); Doriele Andrade Duvernoy(3)

Universidade de Pernambuco (UPE) amandaamaria1@gmail.com

Universidade de Pernambuco (UPE) jackearruda77@gmail.com

Universidade de Pernambuco (upe) doriele.andrade@upe.br

Resumo:

Esta pesquisa visa a investigar a imagem do(a) estudante do curso de Pedagogia na Universidade de Pernambuco (UPE). Questionamo-nos sobre a imagem que este (a) estudante tem sobre si mesmo e a imagem que externalizam para os estudantes dos demais cursos oferecidos pela UPE. Em uma perspectiva descritiva das representações sociais, nós nos apoiamos sobre a teoria das representações sociais de Moscovici (1961) e, em particular, na teoria do núcleo central de Abric (1994). Tais abordagens buscam, principalmente, pensar a formação e a identidade docente de maneira contextualizada e atenta às variantes de sentidos que os sujeitos dão a sua própria formação. Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, de base qualitativa. Essas identidades são construídas em um contexto no qual os professores se confrontam com a difícil tarefa de responder aos anseios da sociedade, ao mesmo tempo que se deparam com a desvalorização da profissão docente.

Palavras-chave: Identidade. Formação Docente. Estereótipos.

Introdução

Este projeto de pesquisa de iniciação científica está vinculado à pesquisa "A imagem do(a) estudante de Pedagogia na UPE: das representações sociais à construção da identidade docente". Nosso principal eixo de discussão é a imagem dos estudantes de Pedagogia em si mesmo.

O tema desse projeto surgiu a partir da inquietação de perceber o curso de Pedagogia e seus estudantes associados a "cortar e colar papel crepom e cartolina". Por isso, pensar sobre essa imagem do estudante de Pedagogia é pensar sobre a identidade docente que está em constante processo de construção nas instituições. Assim, esta pesquisa busca descrever percepções de si dos estudantes de Pedagogia da UPE-Campus Mata Norte. Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, de base qualitativa.

Considerando a pluralidade e a complexidade de culturas e de grupos, a singularidade do indivíduo constitui um elemento importante para compreender as culturas e os grupos. É assim que pensar a identidade docente é tratar das singularidades dos graduandos em Pedagogia. Esta singularidade é atravessada por uma história e um contexto impregnado de um sistema simbólico. As singularidades expressas as necessidades individuais, os pontos de vistas e os

modos de expressão, que em conjunto formam a imagem que uma determinada categoria pode ter dentro de grupos e contextos mais complexos.

Obin (1993) critica a definição de cultura dada pela Unesco em 1982, segundo a qual a cultura seria um conjunto de conhecimentos e valores que não são objetos de ensino e que, no entanto, todos de uma comunidade sabem. Este autor recusa esta ideia de cultura enraizada no grupo, que fecha os indivíduos dentro de comportamentos coletivos pré-determinados, pelo simples pertencimento. Ele também evoca o conceito de “habitus” desenvolvido por Pierre Bourdieu, para esclarecer alguns elementos sobre os esquemas de percepção e de pensamento em ação.

Caune (2006) mostra que para E. Sapir “o verdadeiros lugares de cultura são as interações individuais e , sobre o plano subjetivo, o universo de significação que cada um pode construir em favor de suas relações com o outro”. (SAPIR *apud* CAUNE, 2006, p. 58).

Assim, a identidade pode permitir a uma pessoa ou a um grupo de pessoas de se reconhecerem por eles mesmos e de ser reconhecido pelos outros. As identidades são construídas no interior de uma coletividade, visando a integração dos indivíduos nos grupos.

Vejamos então a profissão docente, muitas vezes considerados profissionais formados para serem o ator central da transmissão de saberes escolares. Nessa perspectiva, a formação, as práticas, a profissionalização e a eficiência dos professores são as principais preocupações em vários sistemas educacionais. Os professores são, assim, situados em um contexto predeterminado, são chamados a concretizar as políticas educativas. Para isso, centra-se na preparação dos professores, sua entrada na profissão e, principalmente, os resultados de suas ações. Os professores são assim concebidos como agentes de respostas e de ações à numerosas expectativas sociais, econômicas e políticas.

A teoria das representações sociais foi oficialmente introduzida por Serge Moscovici em 1961, lançando a ideia de que as representações sociais são guias para a ação.

Para Abric (1994), a representação é uma visão funcional do mundo, que permite ao indivíduo ou ao grupo de dar sentidos à sua condutas e de compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências. A representação é vista como uma organização de significantes, funcionando como um sistema de interpretação da realidade que rege os indivíduos, determinando seus comportamentos e suas práticas.

Seca (2002) compreende as representações sociais como um sistema de saberes práticos (opiniões, imagens, atitudes, preconceitos, estereótipos, crenças), geradas, em parte, em contextos de interações interindividuais ou intergrupais.

As representações sociais é também, segundo Jodelet (1989), um produto e um processo de uma atividade da realidade externa. Apoiamo-nos sobre representações para nos relacionar com o mundo. As representações são ativadas a atuantes sobre a vida social. Pela sua dupla capacidade (ser produto e ser processo), as representações sociais permitem, segundo Seca (2002) organizar o discurso compartilhado (produto) e constituir uma atividade mental no movimento de apropriação de objetos novos (processo).

A importância das representações sociais é dada, segundo Abric (1994), por sua compreensão da dinâmica social. Ela é informativa e explicativa, informa e explica a natureza dos laços sociais, inter e intra grupos.

As produções discursivas são, na maior parte do tempo, o que nos permite aceder à representações. No entanto, é necessário analisar as condições de produção e como elas são produzidos em situação. Assim, são as representações sociais que permitem aos sujeitos de compreender e explicar a realidade, de definir sua identidade, de orientar e justificar seus comportamentos. (ABRIC, 1994).

Para analisar e compreender uma representação social, é importante identificar seu conteúdo e sua estrutura. Este sistema é composto pelo conjunto de informações, de crenças, de opiniões, e de atitudes em relação à um dado objeto.

Considerando a hipótese de Abric (1994), a organização de uma representação social é feito em torno de um núcleo central. Ele corresponde aos elementos que dão à representação sua significação. É, portanto, o elemento estável em torno do qual vai se construir o conjunto da representação.

Obin (1993), apóia a hipótese que as práticas, as opiniões, as representações são marcadas, por uma parte, pelo contexto social, especialmente pelo origem de pertencimento social dos atores, e de outra parte, pela inscrição profissional desses atores em uma instituição. Ele afirma que um grupo encontra sua capacidade de se juntar e de agir dentro de uma organização na adesão às normas culturais e aos valores, ao compartilhamento de práticas, de representações e de visão de futuro.

Este autor também constatou que o discurso sobre a escola se baseia nas tramas políticas e sociais e que ele é marcado pelas representações sociais dominantes em um dado momento histórico e que o professor é um elemento-chave nas perspectivas de manutenção e de mudança.

No funcionamento da escola predominam nas memórias da escola, como também na memória social e no imaginário coletivo sobre a escola. Assim, as mudanças em torno da concepção do que é e para que serve a escola, trazem questões sobre as mutações profissionais, colocando no impasse entre uma mudança lexical ou uma renovação as representações sobre a profissão docente.

Osborn et al. (1996) explicam que múltiplos fatores contribuem para determinar as representações profissionais dos professores, tais como a sua origem social, sua formação profissional, a política e as práticas de ensino, como também de sua personalidade.

Para Hall (2006), há três concepções: para o sujeito do Iluminismo a identidade consistia no núcleo interior desde o nascimento e se desenvolvendo de maneira contínua e idêntica ao longo da existência do indivíduo. Esta é uma concepção muito individualista do sujeito e de sua identidade. Já a noção do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e que esse núcleo interior não é autônomo e autossuficiente, mas é formado nas relações e interações com outras pessoas, com base em valores, sentidos e símbolos culturais. É uma concepção interativa da identidade, que o sujeito está se tornando fragmentado, composto por várias identidades, algumas, por vezes, contraditórias. “O próprio processos de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório variável e problemático” (HALL, 2006, p.12). O que nos leva a concepção do sujeito pós-moderno como aquele que não tem uma identidade fixa ou permanente. Ela é formada e transformada continuamente, historicamente e não biologicamente. É uma identidade situada de acordo com os momentos pela forma que o sujeito é apresentado ou interpelado. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p.13).

Nesta obra, Hall (2006) argumenta que a identidade está profundamente envolvida no processo de representação nesse sentido, Novoa (1992) afirma:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um sente e se diz professor. (NOVOA, 1992, p.16)

Pimenta (2000) vai tratar especificamente da identidade profissional, e nesse sentido podemos estabelecer relações com a construção da identidade profissional nos estudantes de Pedagogia, mais especificamente, no Campus Mata Norte, cidade situada na zona da mata do estado de Pernambuco.

Para Santos e Rodrigues (2011), uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão das tradições. Mas, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos.

Para concebermos a ideia de identidade docente no Brasil precisamos antes fazer um retrospecto do que foi – e também do que ainda é – a profissão no Brasil, e como se deu esse processo. Nesse momento a prática docente e o exercício clerical estavam em harmonia, dessa forma é fácil deduzir que, naquele período, a identidade docente sofria uma interferência da imagem eclesiásticas, estando ambas em consonância. Dessa forma o exercício da função de mestre perde o valor financeiro, pois passava então a ser visto como um “dom”, algo para o qual nasceram destinados.

O segundo momento se deu por volta do século XIX, quando o discurso liberal começa a se propagar nos grupos de professores, no entanto, no que tange a representação docente, o discurso liberal destoava do religioso, enquanto um – a religião – entendia à docência como uma missão, um dom divino, que tinha um valor muito superior à remuneração salarial, o outro discurso – o liberal – buscava inserir também o magistério nas relações de produção do capitalismo. A profissão então deixa de ser vista como uma vocação, e passa a ser assimilada também como uma força produtiva para o capitalismo, sendo, inclusive, uma saída ao trabalho febril. Essa mudança brusca na imagem da profissão, que antes era vista como algo divino, logo, tinha alto prestígio social, foi agora cooptado pelo capitalismo.

No momento da assimilação do discurso liberal pelos grupos de professores acontece o que podemos chamar de proletarização da educação, Fonseca (1993), o magistério, ao ser inserido nas relações de produção do sistema capitalista, perde o seu valor intelectual e passa a funcionar como uma máquina de abastecimento do mercado industrial.

Esse período é definidor na formação da identidade docente, durante o século XX. Essa proletarização da educação é ainda mais agravada no século XX, durante a ditadura civil-militar, para o desmonte da educação, assim como dito por Selva Guimarães Fonseca:

Todas estas estratégias foram acompanhadas por um ataque central à formação dos professores. No início do ano de 1969, amparado pelo Ato Institucional n. 5, de dezembro de 1968, o governo, por meio do decreto-lei n. 547, de 18 de abril de 1969, autoriza a organização e o funcionamento de cursos profissionais superiores de curta duração. Ao admitir e autorizar habilitações intermediárias em nível superior para atender às „carências do mercado. (FONSECA, 1993, p. 58)

Essa massificação da profissão docente iniciada no século XIX e intensificada no século XX é a pedra angular para a definição, do ponto de vista da sociedade, do que é o magistério, há uma sobrecarga de profissionais na área da educação, não somente no século XXI, mas também no XIX e XX, o professor acaba perdendo seu valor intelectual, sendo encarado como uma profissão cujo a qual qualquer pessoa. Essa representação social da docência, vista como uma profissão pouco prestigiosa, além de ser uma área de trabalho lotada, isso influi totalmente na representação social do educador. Segundo Sêga (2000), representação social é sempre um reflexo da posição em que os indivíduos estão em relação à sociedade, sendo essa representação não uma cópia nossa, ou do que pensamos representar, mas sim um processo pelo qual estabelecemos uma conexão entre a vida e seus eventos. Nesse ponto a imagem do profissional da educação, no Brasil, está profundamente prejudicada pela forma na qual a sociedade enxerga o magistério.

A construção da identidade docente se dá exatamente a partir disso, não é um processo rápido, muito menos está desvinculado das interações entre o indivíduo e a comunidade. A identidade docente no Brasil, há pelo menos dois séculos, vem sofrendo duros golpes, pois, vivemos numa sociedade que, aparentemente, não enxerga, na imagem dos profissionais de educação, nada além de indivíduos que foram instrumentalizados para passar, de forma massificada, determinados conteúdos técnicos afim de capacitar a sociedade de acordo com as necessidades do mercado capitalista, no entanto, essa é uma visão paradoxal se levarmos em consideração que essa mesma sociedade, por vezes, enxerga o magistério como o único setor social capacitado para promover mudanças socioeconômicas significativas.

O magistério é um dos poucos núcleos profissionais que entra em contato com o indivíduo desde a sua primeira infância e acompanha, lado a lado, o crescimento e a formação desse indivíduo, por isso Pimenta (2000) nos alerta para a necessidade da ressignificação das

práticas pedagógicas, pois a docência não trata apenas de sujeitos condicionados a transmissão de conhecimentos técnicos, mas sim de um canal interativo entre professores e alunos.

Os saberes pedagógicos foram desvinculados da prática docente e, por isso, vemos o magistério como uma prática condicionada a transmissão do saber, nunca perspectiva de que o professor apenas realiza tal função por dominar determinada área de conhecimento. No entanto, como supracitado no texto, a ressignificação das práticas docentes seria responsável por mitigar a imagem docente relacionada única e exclusivamente a difusão de conteúdo, o que torna a relação professor aluno, quando não inexistente, unilateral, transformando essa interação num ciclo harmonioso, integrando esses dois indivíduos numa mesma comunidade.

O resgate dessas práticas pedagógicas seria a chave de ignição para a transformação da identidade docente nacional, pois, a partir disso, teríamos não apenas a reestruturação do magistério, mas também da representação social dos profissionais de educação.

Nesse contexto, esta pesquisa traz elementos descritivos de como os estudantes do curso de Pedagogia do Campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco se veem, ou seja, como se auto identificam, as percepções que tem de si mesmos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva e explicativa. De base qualitativa, na qual buscamos explicar a realidade em termos de percepções e avaliações das pessoas.

Será necessário considerar neste estudo as características sociais, históricas e culturais como elementos que podem exercer um impacto sobre os estereótipos veiculados. Constitui-se, portanto, um estudo de caso etnográfico.

Os instrumentos de coleta de dados foi o questionário (composto de questões fechadas e abertas) aplicado com os estudantes de Pedagogia matriculados no 2º, 4º, 6º e 8º períodos, no semestre letivo 2017.2 do Campus Mata Norte na UPE.

Em relação às técnicas de construção de dados, recorreremos à algumas técnicas (P.VERGES, 1992 e ABRIC, 2003) relativas às representações sociais que permitam aos sujeitos expressarem suas opiniões. Essas técnicas são:

- *de associação livre* : apoiada na frequência do item e de seu posicionamento. Tem um caráter espontâneo, no qual as pessoas devem escrever as primeiras três palavras que lhes vem à cabeça. Essa técnica nos permitirá conhecer o universo semântico em torno de nosso objeto de estudo.

- de evocação hierarquizada: apoia-se na hierarquia efetuada pelo próprio sujeito, nos permitindo conhecer o grau de importância dado a cada palavra/ termo ao definir um objeto em questão e a organização da representação social.
- *de questionamento* : visa apresentar o objeto de maneira contraditória a algum elemento central da representação, para que seja desencadeado um processo de refutação.
- - de substituição: Visa a diminuir o nível de implicação do sujeito no momento de responder à questão, permitindo superar os mecanismos de defesa do sujeito entrevistado, já que este pode responder às questões como se estivesse atribuindo a ideia a outros e não diretamente a si mesmo.

A nossa amostra é composta por 59 estudantes, sendo 90% mulheres e 10% homens.

Em relação aos riscos e desconfortos, não há riscos de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual para os sujeitos já que o anonimato foi garantido.

Resultados e discussões

Fazer um levantamento de como os estudantes de Pedagogia se auto identificam, nos oferece diversos elementos de discussão, assim uma das questões feitas visava saber a razão da escolha pelo curso de pedagogia. 59% dos entrevistados responderam que fazem o curso de Pedagogia por escolha, 25% falam em vocação, e 10% em dom. As respostas “falta de outras oportunidades” e “segunda opção” somam 6%.

Uma outra maneira de conhecermos os sujeitos foi através da solicitação de palavras que lhes vinham espontaneamente à cabeça. Esse tipo de solicitação nos permitiu verificar as palavras mais frequentes, o que nos permite refletir sobre as identidades coletivas, construídas socialmente.

O papel dessa representação é dar sentido as essas identidades, mas muitas vezes os símbolos que lhes representam não estão de acordo com os verdadeiros valores e significados, portanto é no sentido de se auto avaliar que deve prevalecer essa busca por identificar-se ou não com essas representações.

“A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem falar...” (Woodward, 2009, p.17)

Quando solicitamos 3 palavras para definir o estudante de Pedagogia, as mais recorrentes foram: Atencioso, dedicado, responsável, paciente, comunicativo, dinâmico, determinado, amoroso, inteligente e estudioso.

Em relação à representação social do curso, 63% afirma que sempre escuta a frase “vixe, vai ser professor!?”, 33% às vezes, e 4% nunca ou raramente.

Conclusões

A partir desses resultados, constatamos que os estudantes de Pedagogia se identificam e buscam ser identificados pelas qualidades pessoais e profissionais.

Diante da complexidade inerente da identidade dos sujeitos, esses elementos nos permitem situar identidades em um contexto socio-histórico-cultural determinado. Consideramos que apenas a utilização de questionários não daria conta de aprofundar a análise da identidade docente.

Há a necessidade de ampliar este estudos com os estudantes dos demais cursos presentes no campus, para assim, verificarmos como essa imagem identificada pelos estudantes de pedagogia circula entre os demais estudantes do campus.

Essas identidades são construídas em um contexto no qual os professores se confrontam com a difícil tarefa de responder aos anseios da sociedade, ao mesmo tempo que se deparam com a desvalorização da profissão docente.

Referências bibliográficas

ABRIC, J-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France. 1994.

CAUNE, J. **Culture et communication**. Convergences théoriques et lieux de médiation. Grenoble: Presses universitaires. 2e édition, 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Papyrus Editora, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: SILVA, T.T., 11 ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JODOLET, D. **Les représentations sociales**. Paris : PUF, 1989.

MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales : éléments pour une histoire. In JODOLET, D. **Les représentations sociales**. Paris : PUF.

OBIN, J-P. et CROS, F. (2004) **Attirer, former et retenir des enseignants de qualité**. Rapport de base national de la France. Dans le cadre de l'activité de l'OCDE. Paris: la Documentation française, 1989

MONTEIRO, V. **A imagem do professor na escola primária**: imagem dada pelos alunos, imagem social. 1993.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa, E. D. Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. *Ijuí: Unijuí*, 2000, vol. 328.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Sandro Prado; RODRIGUES, Fernanda Fernandes Santos. Formações identitárias e saberes docentes: Alguns apontamentos para pensar a formação docente do ensino superior. **Cadernos da FUCAMP**, v. 10, n. 12, p. 18-26, 2011.

SECA, J-M. **Les représentations sociales**. Paris : Armand Colin, 2002.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, v. 8, n. 13, 2000.

WOODWARD, Katthryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward 9. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.